

## Reflexões a partir do VI EnCult

Aspectos culturais na formação de tradutores e tradutoras

### Aspectos culturais na formação de tradutores e tradutoras

Camila N. O. Braga (UFPB)  
Domingos S. de Souza Neto (UFPB)

O eixo temático *Aspectos Culturais na Formação de Tradutores e Tradutoras* teve como objetivo estimular o debate e as reflexões sobre o ensino e aprendizagem da tradução em cursos de graduação e pós-graduação na universidade. Foram estimuladas discussões sobre didática da formação de tradutores/as e dos vários aspectos relacionados ao desenvolvimento da competência tradutória.

O eixo de formação de tradutores vem sendo proposto no ENCULT há alguns anos, mas em 2021 não houve inscritos. Então, estávamos incertos se, em primeiro lugar, haveria trabalhos propostos. A expectativa sempre é promover diálogo e troca com os colegas que vêm atuando na formação de tradutores no Brasil, para sabermos o que tem sido feito, o que tem dado certo e o que não tem dado tão certo e carece de mais pesquisas e discussões.

Buscávamos abordar metodologias de ensino e experiências didáticas, com foco em iniciativas que despertem mais interesse dos estudantes e também estimulem um aprendizado autônomo extraclasse. Buscávamos conhecer metodologias ativas, com foco em tarefas e que despertassem interesse, curiosidade e aprendizado autônomo. Além disso, conhecer iniciativas que integram a sala de aula ao mercado de trabalho, com tarefas mais próximas do cotidiano de um tradutor formado.

Nosso eixo recebeu um total de 17 inscrições, incluindo três que foram encaminhadas para outros eixos, por julgarmos que se encaixariam melhor em discussões propostas por outras áreas, e 2 trabalhos que foram recusados por focarem em formação de professores e elaboração de material didático para ensino de língua. Dentre os 12 trabalhos aceitos, que foram organizados em três sessões com quatro trabalhos cada, conseguimos organizar tematicamente uma sessão que tratava de pós-edição, competência tradutória e formação de tradutores, uma sessão com propostas de atividades práticas, didática, teorias da tradução e aspectos culturais, e uma terceira sessão que abordou línguas para fins tradutológicos, pesquisa narrativa, desafios na elaboração de um currículo de tradução e revistas acadêmicas como espaço formativo. Ao todo, entre autores, coautores e autores com mais de um trabalho apresentado, 17 pesquisadores apresentaram trabalhos no eixo 1. Todos os trabalhos abordaram a formação de tradutores, envolvendo diferentes metodologias para alcançar a competência tradutória, e alguns deles mencionaram aspectos culturais de forma mais explícita.

## Reflexões a partir do VI EnCult

### Aspectos culturais na formação de tradutores e tradutoras

A discussão sobre o uso e ensino de pós-edição extrapolou nossas expectativas, tanto por ter um diálogo com uma prática que está cada vez mais comum no mercado, tanto por ter suscitado discussões e trocas de experiências e dicas de softwares que desempenham a tradução automática de formas diferentes, mais ou menos úteis para o tradutor por terem mais ou menos erros. Além disso, as discussões sobre idealização e implementação de currículos de tradução nos chamaram a atenção por mostrarem o que acontece no momento anterior à experiência das aulas de fato.

As discussões sobre inglês para fins tradutológicos, pós-edição e desenvolvimento da competência tradutória por meio de receitas culinárias foram as que mais estimularam a participação do público, uma vez que a maioria dos presentes eram professores de tradução que se deparam com as questões em sala de aula cotidianamente. O uso de pós-edição (assim como IA) tem sido uma realidade cada vez mais comum entre os estudantes e como ensinar línguas para tradutores (e outros fins específicos) é uma discussão que sempre gera debate. Além disso, comida costuma ser um conteúdo que faz sucesso com o público, principalmente quando suscita discussões sobre cultura.

A necessidade de envolver e motivar os estudantes, tentando abrir as aulas e os textos a serem traduzidos para os interesses pessoais pareceu ressoar entre os participantes. As principais trocas foram relacionadas a dicas de softwares e indicação de sujeitos para pesquisas futuras.

Enquanto houver tradutores haverá formação de tradutores. Devido à constante evolução dos softwares, dos tipos de texto a serem traduzidos e dos mercados consumidores, sempre há algo a ser aprendido e discussões a serem feitas. Desde a pandemia da Covid-19, que nos forçou ao isolamento físico, redes sociais, grupos de discussão e networking estão cada vez mais presentes no cotidiano de tradutores. Mesmo (bem) antes, redes de trocas de experiência (Proz) existem e são uma ótima forma de contato entre tradutores consolidados e iniciantes. Na academia, nosso papel enquanto professores é nos mantermos atualizados em relação às práticas do mercado e desenvolvermos pesquisas que discutam, validem e/ou apontem melhores caminhos para o que vem sendo feito.